



DOCUMENTAÇÃO E PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO MODERNO: ESTUDO SOBRE AS RESIDÊNCIAS DE GERALDINO DUDA NA DÉCADA DE 1960, NA PARAÍBA.

AFONSO, Alcilia (1); MENESES, Camilla (2)

1. Professora adjunta do Curso de arquitetura e urbanismo. UAEC.CTRN.UFCG
E-mail: kakiafonso@hotmail.com

2. Mestranda do Departamento de Tecnologia da Arquitetura. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.
E-mail: camilla.tml@usp.br

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo três residências unifamiliares, projetadas em 1960, pelo arquiteto autodidata e engenheiro Geraldino Duda, na cidade de Campina Grande, Paraíba. O objetivo do artigo é divulgar a produção arquitetônica de Duda, bem como contribuir com as discussões quanto a documentação da arquitetura moderna no cenário brasileiro. O estudo é resultado de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo Arquitetura e Lugar, através da linha história da arquitetura e da cidade moderna Form CG, que tem investigado e documentado o acervo moderno existente na cidade de Campina Grande. A metodologia consiste em utilizar fontes primárias, como arquivos públicos e privados; e fontes secundárias, como bibliotecas e rede virtual. O referencial teórico apoia-se em autores como Serra (2006), Gastón e Rovira (2007), Bruand (1979), Segawa (1997), Amorim (2004), Queiroz e Rocha (2006), Afonso (2006), Meneses (2017), Tinem e Cotrim (2014), entre outros.

Palavras-chave: Residências; arquitetura moderna; documentação; Geraldino Duda.

ABSTRACT:

The present article has as object of study three single-family homes, designed in 1960, by the self-taught architect and engineer Geraldino Duda, in the city of Campina Grande, Paraíba. The purpose of the article is to publicize Duda's architectural production, as well as to contribute to the discourses on the documentation of modern architecture in the Brazilian scenario. The study is the result of research carried out by Grupo Arquitetura e Lugar, through the line HISTORY OF ARCHITECTURE AND MODERN CITY FORM CG, which has investigated and documented the modern collection existing in the city of Campina Grande. The methodology consists of using primary sources, such as public and private archives; and secondary sources, such as libraries and virtual networking. The theoretical framework is supported by authors such as Serra (2006), Gastón and Rovira (2007), Bruand (1979), Segawa (1997), Amorim (2004), Queiroz and Rocha (2006), Afonso (2006), Meneses (2017), Tinem and Cotrim (2014), among others.

Keywords: Residences; modern architecture; documentation; Geraldino Duda.

INTRODUÇÃO

O texto possui como objeto de estudo, a documentação do patrimônio arquitetônico moderno, tendo como estudo de casos, três exemplares residenciais unifamiliares de Geraldino Duda, na década de 1960, na cidade de Campina Grande, Paraíba.

Foram selecionadas três obras: as casas Emília Dantas Aguiar, Sosthenis Silva e Amaro Fiuza, projetadas na década de 1960, pelo arquiteto autodidata e engenheiro Geraldino Duda, que possui um papel importante no processo de consolidação da modernidade arquitetônica na cidade, principalmente pela obra pública do Teatro Municipal Severino Cabral, e também pelo grande número de residências projetadas na cidade de Campina Grande durante os anos 60 e 70 do século XX.

O objetivo do artigo é divulgar a produção arquitetônica do arquiteto autodidata Geraldino Duda, bem como contribuir para as discussões quanto à documentação da arquitetura moderna no cenário brasileiro.

Como justificativa, para refletir sobre esse fato, é observar que este patrimônio vem sofrendo perdas constantes na contemporaneidade, devido à falta de proteção legal do acervo, além, da especulação imobiliária que atinge diretamente tais obra, que ocupavam grandes terrenos em áreas atualmente bastante valorizadas na malha urbana.

Outro fator, é referente aos obstáculos que a arquitetura moderna enfrenta é ser considerado patrimônio recente, e tanto a sociedade, quanto alguns técnicos de órgãos preservacionistas, não os inserir no rol de bens imóveis a serem preservados.

Estudar os edifícios remanescentes da linguagem moderna da cidade de Campina Grande, tem sido uma das linhas de pesquisa desenvolvida o pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG.

Justifica-se publicar parte do resultado de nossas pesquisas na área, por reconhecer a importância da preservação do patrimônio do Movimento Moderno na formação histórica e arquitetônica da cidade da região nordestina brasileira. Além disso, a divulgação destas obras contribuirá com o debate em nível nacional das soluções projetuais e construtivas dos projetos residenciais modernos.

Como metodologia de pesquisa adota-se a linha proposta por Afonso (2019) que considera o edifício um documento, e que para ser compreendido e analisado, segue o estudo das dimensões que o compõem, tais como as suas normativas projetuais, e construtivas; a história de seu processo construtivo, com fatos sobre o autor da obra, o cliente, e sobre o próprio edifício; o espaço no qual está inserido (o lugar); o interior da edificação e suas soluções de espaço e plantas; a forma; a função; a tectônica e seus elementos estruturais, peles, materiais, texturas, cores; e finalmente, seu estado de conservação.

Importante explicitar que para o registro, documentação e divulgação dos resultados obtidos dessa pesquisa, foi realizada uma sequência de ações, a saber:

1. Primeiramente, realizou-se o levantamento do material de projeto (plantas, cortes, fachadas, perspectivas, memoriais descritivos) das residências, no acervo do Arquivo Público Municipal, e no acervo particular de Geraldino Duda. As pranchas técnicas foram fotografadas para que em seguida, todo o conteúdo fosse redesenhado no software Autocad;
2. De posse desse material é feita a análise projetual das obras, adotando a metodologia de Afonso(2019), observando cada dimensão que compõe cada obra analisada, interpretando cada decisão e solução arquitetônica tomada por Duda;
3. Realizou-se visitas in loco às edificações para a constatação do estado de conservação das mesmas, bem como para o registro fotográfico;
4. Em seguida, realizou-se o fichamento das obras, criando um inventário, que resultou em uma documentação fundamental que ainda não se encontrava digitalizada, e que corria o risco de ser perdida;
5. O material coletado foi divulgado através de artigos escritos para anais de eventos e também, foi disponibilizado para a sociedade, através das redes sociais como blogs, páginas do Facebook e do Instagram. Todo o material foi arquivado em drives nas nuvens, para um futuro repositório e doação dos resultados à Fundação de patrimônio cultural campinense que está sendo criada em 2021.

Após tais explicações, ver-se-á os autores que aportam tal pesquisa.

Como referencial teórico trabalha-se com conceitos de modernidade brasileira, encontrados em textos clássicos de autores como Bruand (1978), Segawa (1997), Cavalcanti(2001), que são fundamentais para a compreensão do processo de modernidade arquitetônica no Brasil. O aporte regional das discussões sobre o processo de modernidade no nordeste brasileiro são respaldados em trabalhos elaborados por Afonso (2006), Queiroz e Rocha (2007), Cotrim e Tinem (2014), e demais pesquisadores regionais que vêm investigando sobre a importância da preservação da arquitetura moderna nordestina no cenário nacional.

Artigos mais recentes, resultados de pesquisas acadêmicas, produzidos por Afonso e Meneses (2016), também servem de subsídio para a compreensão da difusão da linguagem moderna em Campina Grande, pois são resultantes de investigações acadêmicas que vêm procurando aprofundar sobre a implantação, consolidação e difusão da modernidade campinense.

Aporte teórico

A arquitetura moderna "abarca diversos movimentos do século XX que compartilham características estilísticas e técnicas como a abstração, a produção em massa, a industrialização, a racionalização científica, a universalização, a rejeição da tradição e a crença no ideal de que a forma segue a função". (Denison, 2014, p.108)

Além disso, trabalha com o jogo dinâmico de planos; simplificação de planta e volumetrias; a utilização de malhas geométricas estruturantes do projeto a busca de formas dinâmicas e espaços transparentes, com o predomínio da regularidade, substituindo a simetria axial acadêmica, e a ausência de decoração que surge de perfeição técnica.(Afonso, 2010)

A abstração e o racionalismo aparecem como critérios desta arquitetura, partindo ambos dos mesmos métodos redutivos da ciência clássica, ou seja, a decomposição de um sistema em seus elementos básicos, a caracterização de unidades elementares simples e a construção da complexidade a partir do simples (Montaner, 2002, p. 82).

Nos anos 1950 a linguagem moderna foi adotada pela sociedade brasileira como um estilo pelas classes mais favorecidas como signo de status, e assumida pela classe

média como paradigma estético, apesar das diferenças regionais ou discrepâncias sociais.

De acordo com Lara (2005) é interessante perceber que o caso brasileiro foi exceção ao que aconteceu nos Estados Unidos e na Europa, pois as ideias modernistas foram difundidas tanto para regiões distantes dos grandes centros, como também, foram apropriados por classes sociais mais baixas;

Na verdade, em todo o mundo a arquitetura moderna foi implantada de cima para baixo, primeiro como um movimento vanguardista da elite cultural e em seguida como estilo oficial governamental (Europa do pós-guerra e países emergentes) ou das grandes corporações (EUA). A peculiaridade do caso brasileiro reside no fato de que em nenhum outro lugar a arquitetura moderna ultrapassou a barreira da conservadora classe média. (LARA, 2005, p.178)

Em Campina Grande, a linguagem moderna foi difundida pela influência da Escola do Recife (Afonso, 2006), e também por profissionais, como Geraldino Duda, que acompanhava o cenário da arquitetura brasileira daquela época e absorvia os ideais divulgados, aplicando-os na cidade, projetando obras para distintas classes sociais.

Para Guedes et al. (2013, p.11) o esforço de coletar informações sobre os exemplares modernos, realizar inventários, analisar as obras, socializar os resultados, criando uma rica documentação, nos permite compreender o acervo moderno na Paraíba, e também dar visibilidade a esse patrimônio, fornecendo divulgação ampla a tal produção e seu valor no cenário regional e brasileiro.

Sobre o estudo, levantamento de dados e preenchimento fichas de inventário para as obras modernas Guedes et al.(2016) também colocaram que:

O uso dessa forma de registro extrapola a sua função como inventário, ela interessa como formação e informação a respeito desse momento da história da cidade, da cultura e inclusive da arquitetura. Interessa tanto a pesquisadores, alunos e professores, como ao cidadão comum atento a história e ansioso por fazer parte da construção da memória da cidade. Interessa aqueles que estão preocupados com a formação de profissionais que tenham condições de intervir na sua área de atuação. Interessa aqueles que trabalham diretamente com conservação e restauração de edifícios e sítios protegidos (ou que deveriam ser). (GUEDES et al. , 2013, p.12)

É possível destacar duas razões principais para a realização do trabalho de resgate, estudo e documentação das residências modernas campinenses: 1) A primeira delas se deve ao fato de que são residências que marcam a paisagem da cidade, sendo admiradas tanto pela comunidade em geral, quanto por profissionais de diversas

áreas, em especial profissionais de arquitetura, engenharia e história. Sendo assim, pode-se considerar estas obras residências como lugares de memória. Esse conceito é discutido por Tomaz quando expõe:

Ao se contemplar um espaço de relevância histórica, esse espaço evoca lembranças de um passado que, mesmo remoto, é capaz de produzir sentimentos e sensações que parecem fazer reviver momentos e fatos ali vividos que fundamentam e explicam a realidade presente. Essa memória pode ser despertada através de lugares e edificações, e de monumentos que, em sua materialidade, são capazes de fazer rememorar a forma de vida daqueles que no passado deles se utilizaram. Cada edificação, portanto, carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma gama de significados e vivências ali experimentados. (TOMAZ, 2010, p.2)

2) A segunda razão diz respeito à contribuição da pesquisa para a preservação do patrimônio moderno, que segundo o professor e pesquisador Comas tem encontrado muitos obstáculos:

A persistência das obras do movimento moderno e sua sobrevivência para além dos 1970, não se dá sem dificuldade, oposição ou insucesso. A espécie corre o risco de extinção. Muitas obras significativas se encontram descaracterizadas e outras tantas ameaçadas de descaracterização, quando não do desaparecimento absoluto. (COMAS, 2012, p.25)

O LUGAR: CAMPINA GRANDE

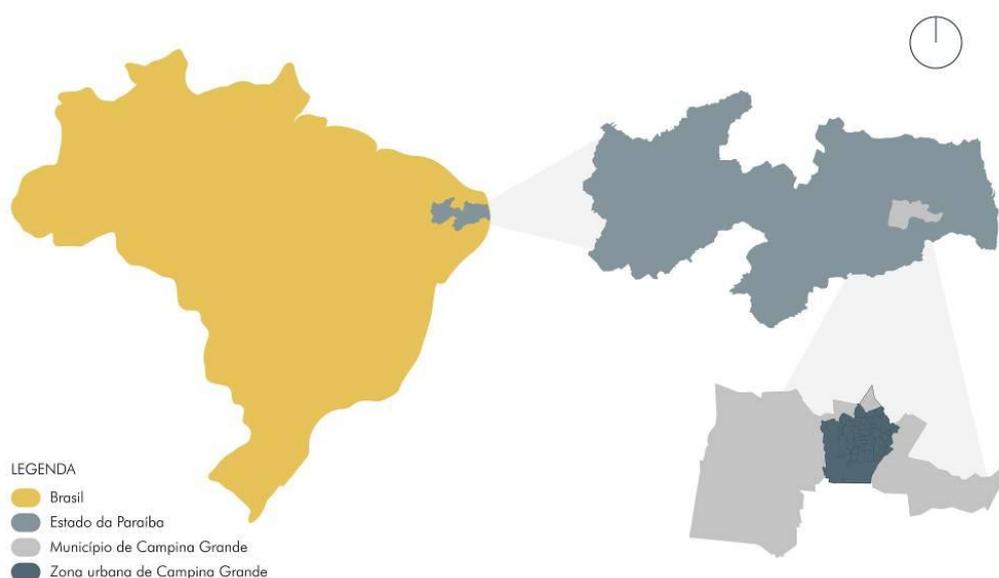


Figura 1 – Mapa de localização da Paraíba e do município de Campina Grande. Fonte: Meneses, C. 2016.

O lugar no qual estão inseridas essas obras, trata-se da cidade de Campina Grande, situada no agreste paraibano (figura 1), entre o litoral e o sertão, que possui um clima menos árido do que o predominante no interior do estado (clima tropical semiárido). Além disso, a altitude de 552 metros acima do nível do mar garante temperaturas mais amenas durante todo o ano. Geograficamente possui uma situação privilegiada, por estar conectando as distintas regiões estaduais como o sertão, cariri, com o litoral, onde fica a capital do estado, João Pessoa.

Com cerca de 400 mil habitantes, a maior cidade do interior do Nordeste, destaca-se economicamente no setor da prestação de serviços, no comércio e é uma forte referência na produção de tecnologia, fabricando softwares vendidos para várias partes do mundo, com reconhecida qualidade tecnológica e funcional. Hoje, a cidade se apresenta como uma excelente formadora de mão de obra especializada, principalmente na área tecnológica, graças às suas cinco universidades, com cursos, sobretudo, na área de Ciência e Tecnologia.

As obras selecionadas para este trabalho estão localizadas nos bairros do Centro (Residência Emília Aguiar Dantas) e da Prata (Residências Sosthenis Silva e Amaro Fiuza). Estes dois bairros são os que mais possuem exemplares modernos em Campina Grande, consideradas localidades nobres, que oferecem grande diversidade de serviços, comércio, e lazer e pontos turísticos.

Muitas das residências modernas que existiam nestes dois bairros já foram demolidas ou estão descaracterizadas. Várias também se encontram sem uso, pois foram postas para alugar, ou estão à venda. Infelizmente a especulação imobiliária na área tem contribuído para o rápido desaparecimento do acervo residencial moderno.

O AUTOR E SUA OBRA: GERALDINO DUDA

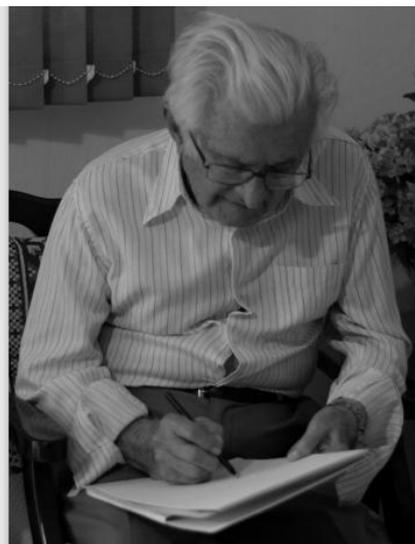


Figura 2: O arquiteto Geraldino Duda em 2019. Fonte: Fotografia de Diego Diniz, 2019.

O autor das obras analisadas é Geraldino Pereira Duda, nascido em 06 de março de 1935, em Campina Grande. É um arquiteto autodidata e graduado em engenheiro civil. Quando criança, morou na cidade de Rio Tinto, localizada na Região Metropolitana de João Pessoa, e conhecido pela importante indústria têxtil que pertencia à família Lundgren.

Segundo depoimento de seu filho Glauro Duda(2016), foi em Rio Tinto que começou a trabalhar com seus pais no ramo da tecelagem, e devido à beleza do conjunto arquitetônico industrial composta pela fábrica de tecidos, igreja e casario, deu início à sua paixão pela arquitetura. Desde jovem, Geraldino demonstrou talento e aptidão para desenhar, e isso permitiu que em 1950, já de volta à Campina, ele fosse convidado para atuar como desenhista para o projetista licenciado Josué Barbosa.

Em 1960, enquanto ainda cursava Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba – Campus Campina Grande, Geraldino foi convidado para trabalhar como projetista e assistente técnico de Arquitetura e Urbanismo no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Prefeitura da cidade, ao lado do engenheiro Austro França.



Figura 3: Perspectiva do Teatro Municipal Severino Cabral elaborada a partir da reconstrução virtual tridimensional. Fonte: Reconstrução virtual produzida por Diego Diniz, 2020.

Grande admirador do estilo moderno- foi nesse ano, também, que teve a oportunidade de viajar para visitar Brasília, onde conheceu Oscar Niemeyer, que era sua grande referência profissional, nutrindo grande admiração.

Logo após essa viagem, em 1962, foi convidado para projetar aquele que seria uma de suas grandes obras na cidade: o Teatro Municipal Severino Cabral, de Campina Grande.(Figura 3).

Afonso e Diniz (2020) corroboraram com Almeida (2007), quando ela escreveu que a consolidação da arquitetura moderna em Campina Grande ocorreu na década de 1960, com a construção do TMSC, enquanto obra de grande significância.

Provavelmente a construção do Teatro Castro Alves (1957-58) do arquiteto Bina Fonyat em Salvador/ Bahia, serviu como referência volumétrica, principalmente quando observa-se a laje inclinada que marca a entrada de ambas as obras.

AS OBRAS

As obras selecionadas foram três casas, que possuem soluções projetuais e construtivas que as tornaram referências na paisagem urbana campinense, conforme será visto a seguir.

Residência Sosthenis Silva .1960.

A residência Sosthenis Silva está localizada na Rua Rodrigues Alves, 708, no bairro da Prata, foi construída no ano de 1960. Atualmente, a edificação foi alugada e sofreu intervenção em sua planta e na fachada para ser reutilizada como apoio a laboratório de análises clínicas. A residência se encontra em uma das ruas principais do bairro da Prata que tem seguido a tendência de se tornar um centro médico da cidade.

De acordo com Afonso (2020):

Na década de 1960 em decorrência do desenvolvimento econômico industrial da cidade, o bairro da Prata foi o que mais se desenvolveu em termos de infraestrutura urbana, podendo-se observar um traçado de quadras regulares, ruas largas, e um conjunto arquitetônico de residências modernas que o tornou um bairro nobre no cenário campinense. (AFONSO, 2020, p. 241)

A tendência de Duda em tirar partido da topografia dos terrenos, é mais uma vez evidenciada nesta residência. O arquiteto dividiu o terreno em duas partes, e o corte foi solucionado com um muro de arrimo. Implantada no centro do lote, a residência conta com jardins nas partes frontal e posterior. As laterais são destinadas à circulação de pedestres e ao automóvel.



Figura 3 – Imagens da Casa Sosthenis Silva. Fonte: Fotomontagem de Camilla Meneses com acervo do grupo de pesquisa arquitetura e lugar/GRUPAL

O arranjo arquitetônico da residência (figura 3) é composto por um único volume, que se adequa à topografia na parte inferior. Nesta parte duas subtrações foram realizadas. A parte superior se solta da base, avançando em todas as fachadas, atuando como uma casca que repousa apoiada por pilares, em cima do embasamento.

Quanto à dimensão espacial interna, a planta em formato de “O” foi desenvolvida em torno de um jardim interno central. No pavimento inferior, abaixo do muro de arrimo, encontra-se parte do setor social, que conta com uma varanda de acesso que se liga ao jardim externo por meio de um lago artificial; e uma sala de jogos.

Apesar de ser fechada, a sala conecta-se visualmente com a varanda, por meio das transparências de suas esquadrias de madeira e vidro, contribuindo para um espaço fluido. Por esta mesma sala é possível emergir no jardim interno através de uma escada que leva ao nível superior.

As transparências espaciais permitem o diálogo do interior com o exterior; e do interior com interior, através da conexão visual entre os ambientes. A sala de estar dialoga tanto com o jardim externo, como com o alpendre e o jardim. A sala íntima que também pode ser acessada pela sala de estar é aberta ao jardim

Quanto à dimensão formal, pode-se observar que o volume suspenso por apenas quatro esbeltos pilares metálicos, e por dois pilares de concreto, gera um espaço social de recepção. Neste espaço pode-se acessar a casa através da sala de jogos no mesmo nível, ou através de uma escada que vence a altura do muro de arrimo e leva à sala de estar ou ao escritório.

Esta escada estruturada em uma viga central está engastada no muro de arrimo. Os degraus são recortados gerando espaços vazios entre eles e evidenciando a viga. A cor branca do seu revestimento contrasta com as pedras escuras do muro de arrimo no fundo e com a parede lateral revestida de cerâmica amarela.

Quanto à sua dimensão tectônica ou construtiva, pode-se observar que a modulação da residência é evidenciada pela indicação estrutural em planta e nos cortes. As dimensões da modulação variam e se adequam ao programa.

A maior atenção aos detalhes construtivos do projeto foi dado às escadas e aos lagos artificiais. Ambos os lagos dialogam com a arquitetura recebendo elementos construtivos que mergulham na água.

Quanto aos materiais utilizados, esta obra recebe grande variedade de revestimentos tanto na parte interna, como externa. Internamente, houve a utilização de azulejos decorados em toda a cozinha, e azulejos simples, monocromáticos na área de serviço. A parede que está entre o jardim e a sala de jantar possui dois revestimentos. Voltado à sala, o revestimento é de uma pedra lisa; voltado ao jardim, a pedra natural.

Pastilhas esmaltadas amarela e marrom foram utilizadas tanto no interior como exterior. Interiormente, foram utilizadas no jardim central; no exterior foram utilizadas na parede lateral da escada (pastilha amarela), e na parede externa do escritório (pastilha marrom). Outra pastilha, esta por sua vez colorida, em tons de azul, vermelho e branco reveste a parte superior do volume. O muro de arrimo ganha um revestimento em pedra natural escura.

Quanto à dimensão da conservação observou-se que a residência Sósthenis Silva se encontra em um bom estado de conservação, pois, apesar de alterações sofridas ao longo dos anos, o volume e as características estéticas, formais e construtivas foram mantidas. Quanto à proteção legal, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.

Residência Emília Dantas Aguiar.1962.

A residência Emília Dantas Aguiar foi construída no ano de 1962, para a mesma e sua família e está localizada na Rua Vila Nova da Rainha, no bairro Centro de Campina Grande. Esta rua possui um grande significado para a cidade, tanto por questões históricas, pois marca o início da aglomeração urbana, como também, por ser uma via que conecta o Centro ao Açude Velho, um dos principais pontos turísticos da cidade.

A edificação (figura 4) foi implantada solta no lote, ou seja, possui recuos de todos os lados. Em um terreno com desnível acentuado, Geraldino construiu um muro de arrimo que divide o volume em duas partes.



Figura 4– Montagem com plantas e fotografias da residência Emília Dantas Aguiar (2017). Fonte: Fonte: Fotomontagem de Camilla Meneses com acervo do grupo de pesquisa arquitetura e lugar/GRUPAL

A primeira parte encontra o solo e acompanha a topografia do terreno. A segunda parte, na cota mais alta, se apoia sobre o muro de arrimo que a eleva do chão. O recurso da suspensão, através do muro de arrimo, em terrenos que apresentam desnível, é utilizado por Duda em diversas casas. Geralmente, o muro é revestido com pedra, como também é o caso da residência em questão.

O acesso social à residência se encontra em cima do muro de arrimo, e por isso pode ser feito através de duas escadas externas. Uma delas se encontra na fachada frontal. Esta possui uma viga central, e é revestida no seu espelho com pedra branca, e no piso com uma pedra marrom. Ela é protegida por uma marquise em ziguezague que recebe visitantes e moradores.

Quanto às soluções em planta, o programa da casa está distribuído em três níveis e contempla: no setor social as salas de estar e jantar, a varanda de entrada e o pilotis, nos níveis inferior e intermediário; no setor íntimo três quartos, instalações sanitárias e uma saleta, que se encontram no nível superior, e um quarto e banheiro

de hóspedes no nível inferior; e no setor de serviço, cozinha, área de serviço e depósito nos níveis intermediário e inferior.

A circulação vertical interna do nível inferior (nível do solo) ao nível intermediário e superior é feita por uma escada que possui dois lances. Pouco conectada visualmente com a sala de jantar nenhum tratamento especial lhe foi dado. Seu corrimão vazado em alumínio possui um detalhe em madeira no guarda corpo.

A edificação tem suas duas maiores dimensões voltadas ao norte, onde se encontram as salas, e ao sul, onde estão os quatro quartos. A fachada frontal está no poente, onde uma varanda antecede a suíte principal; e a fachada posterior, se encontra no nascente, onde estão a área de serviço e a cozinha.

Referente à dimensão tectônica, a modulação utilizada é feita em resposta ao programa. Os cumprimentos dos espaços sociais e íntimos coincidem, enquanto suas larguras variam.

Apesar da existência do pilotis já mencionado, no restante da residência a estrutura é de alvenaria armada. As principais demonstrações das possibilidades estruturais são feitas através dos balanços do volume sob os pilotis, e das marquises - social em ziguezague e da que protege o automóvel.

Outro balanço existente é da passarela/rampa que saca do muro de arrimo conferindo ao volume mais leveza.

Quanto à forma, a composição arquitetônica da casa é constituída por um jogo de volumes, que avançam ou recuam estando interligados através de uma cobertura em laje inclinada, que é interrompida por um ziguezague, bem característico do arquiteto, na parte central do volume, constituindo uma casca/marquise em concreto.

A composição neoplástica da residência é feita com formas limpas. Isso pode ser constatado no próprio volume, na marquise triangular e no formato dos elementos de vedação.

Outro importante componente plástico são os materiais utilizados. O mesmo revestimento pétreo é utilizado no muro de arrimo e na parede no fundo do pátio. Além desse, outro revestimento pétreo compõe o muro lateral da garagem.

O revestimento cerâmico da parede frontal da residência confere a superfície uma textura suave onde se destacam três seteiras.

Além disso, a platibanda inclinada sendo mais alta em cima da varanda, conferiu mais peso ao lado em que o volume é sustentado por esbeltos pilares metálicos.

O principal diálogo entre o exterior e o interior da residência ocorre entre o jardim central e os ambientes voltados para ele. Na sala de estar, na escada interna e na suíte principal existem esquadrias de madeira e vidro que conectam visualmente o interior ao pátio. A maior transparência, no entanto, se encontra na sala de estar onde duas esquadrias de piso à teto de vidro e madeira conectam os espaços

As demais esquadrias utilizadas na casa, apesar de serem generosas (são de 2 a 3,4 metros de comprimento) são janelas em fita com bandeiras separadas em forma de persianas, não tendo como objetivo a conexão com o exterior, mas sim o conforto térmico.

Os revestimentos utilizados no interior desta residência restringiram-se, basicamente às áreas molhadas, onde são aplicados os azulejos. No banheiro da suíte principal, no entanto, uma das maiores paredes foi revestida com pedra cinza, tendo na parte superior uma janela em fita.

O mobiliário previsto em planta se limita à cozinha e banheiros, onde são projetados armários e divisórias embutidas, além da indicação das bacias e cubas. Também são projetados guarda-roupas e pequenos armários de madeira embutidos em todos os quartos.

Outro detalhe construtivo interessante e inovador para a época em que foi construído, foi o espaço deixado na laje para a instalação de iluminação embutida, protegida por um vidro, criando uma espécie de “sanca”. Essa estratégia foi utilizada tanto no pilotis, e também, embaixo da passarela na fachada frontal.

A única varanda íntima da residência se encontra na suíte principal, e mesmo tendo apenas 1,5m de largura, o espaço protege o quarto da insolação direta e permite o contato visual com a rua. Além disso, o elemento de vedação em madeira e pedra atua esteticamente na composição da fachada.

Os volumes, no entanto, estão preservados, bem como o posicionamento de todas as esquadrias, e os revestimentos externos também se mantiveram. Esta residência foi muito elogiada na época de sua construção por sua inovação estrutural na utilização de quatro pilares metálicos aparentes que sustentavam um grande

volume. Originalmente os pilares foram pintados de branco, mas hoje estão na cor vermelha.

A residência também não está tombada ou registrada e corre risco de descaracterização agravado pelo fato de apresentar diversas patologias, e também, por sua localização estratégica, que gera uma especulação imobiliária.

A edificação sofreu algumas alterações em planta, como a retirada da parede entre a sala de estar e sala de jantar; a ampliação da cozinha que modificou o volume nos fundos da casa.

Os pisos foram substituídos e o jardim central foi aterrado. Houve também mudança nas cores originais da casa, que hoje possui várias paredes pintadas de verde. Os pilares metálicos, antes da cor branca, atualmente, são vermelhos. Além dessas alterações internas, construiu-se um anexo nos fundos do terreno.

Quanto às patologias, a residência apresenta infiltrações em diversas paredes. Várias esquadrias de madeira também precisam ser restauradas.

Ao observar os dados coletados, conclui-se que a residência Emília Aguiar se encontra em um estado de conservação regular, pois apesar das alterações, várias características estéticas, formais e construtivas foram mantidas.

Quanto à proteção legal, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande. Se encontra em um estado de conservação regular e necessita de vários reparos, além disso, no momento está sem uso.

A incidência de regulamentações de preservação é urgentemente necessária para a salvaguarda do bem.

Residência Amaro Fiuza.1968.

A residência Amaro Fiuza foi construída no ano de 1968, e está localizada na Rua João Machado, esquina com a Rua Duque de Caxias, no bairro da Prata, em Campina Grande. Preservando o uso residencial, a edificação é uma das poucas do bairro, que mantém muros baixos, permitindo uma boa conexão visual com o meio público.

De todas as casas analisadas, esta é a que possui o menor programa, contando com 215,30 m² de área construída. A edificação ocupa o centro do lote, cercada por recuos de todos os lados. Isso possibilitou a previsão de áreas de jardim, nos espaços voltados às ruas, formando um “L” em torno da residência.

Implantada em um lote retangular, as menores dimensões são as fachadas frontal – voltada para a Rua João Machado, onde se encontram os acessos - e posterior. Para lidar com o desnível existente, o terreno foi dividido longitudinalmente, por um muro de arrimo, em dois níveis. A maior parte da área construída está acomodada na cota mais baixa.



Figura 5 –Montagem com plantas e fotografias da residência Amaro Fiuza (2017). Fonte: Fotomontagem de Camilla Meneses com acervo do grupo de pesquisa arquitetura e lugar/GRUPAL

A residência conta com três níveis. Dois deles estão em sua base e tocam o solo em diferentes cotas. Pelo nível de cota mais baixa, tem-se o acesso para o automóvel. Já pelo de cota mais alta, realiza-se o acesso peatonal. O terceiro nível se encontra suspenso, sobre a base com cota mais baixa, podendo ser alcançado apenas através da escada interna.

A composição arquitetônica da casa é constituída por dois prismas retangulares paralelos. Um deles se encontra na esquina, acomodado sobre a cota mais alta do terreno. Este possui apenas um pavimento, e tem sua horizontalidade reforçada pela cobertura, que ultrapassa os limites da edificação.

O segundo volume possui dois pavimentos, e se encontra na cota mais baixa do terreno. Em sua base uma subtração é feita na área da garagem. O pavimento superior é suspenso em um grande balanço que abriga a área subtraída. Por se encontrar em uma cota mais baixa, este volume ultrapassa apenas 1,70 metros, a altura do primeiro prisma.

Os volumes simples e limpos, com linhas retas, têm seus telhados ocultos pela platibanda. Sua articulação/implantação se deu de forma a não constituir uma barreira visual. Esta permeabilidade com o meio público é garantida pelos recuos e pelo gabarito da edificação.

Existem três tipos de acesso à residência: o social, o íntimo e o de serviço. O acesso social pode ser realizado de duas formas. Uma delas é através da cota mais alta do terreno. Por meio da entrada peatonal, chega-se a uma marquise que recebe os visitantes. Estes adentram a residência pela sala de jantar. A segunda forma se dá através do nível de cota mais baixa. Ali, na área coberta da garagem, pode-se adentrar pela sala de estar.

O acesso íntimo também é realizado pela garagem, porém, por uma entrada distinta da social. Por meio de um hall, tem-se acesso ao quarto de hóspedes e à escada interna, que alcança o pavimento superior.

O acesso de serviço é realizado na fachada posterior. Para se chegar até lá são utilizados os recuos laterais. Nos fundos da residência, adentra-se na cota mais alta do terreno, através da cozinha.

Como foi dito anteriormente, o programa da casa está distribuído em três níveis. O setor social conta com a sala de jantar, que se encontra no nível intermediário, e com a sala de estar no nível inferior. Apesar da diferença de nível, as salas são integradas por meio de alguns degraus.

O setor íntimo é composto no pavimento inferior pelo quarto de hóspedes e um banheiro de uso comum; no pavimento intermediário, foi projetada uma copa; E no pavimento superior, o programa é composto por dois quartos, um escritório, um banheiro, e uma suíte, que possui um tipo de antecâmara, onde se pode entrar no banheiro ou no quarto. Todos estes ambientes, no pavimento superior, são acessados através de uma circulação central, num espaço denominado "saleta", muito comum nos projetos de Geraldino.

O setor de serviço localizado no pavimento inferior, possui uma lavanderia, um quarto e um banheiro para empregada, o acesso a estes ambientes é realizado externamente na fachada posterior. No pavimento intermediário está a área de serviço, localizada num alpendre, e a cozinha.

As maiores dimensões da residência estão voltadas para o noroeste e sudeste. A fachada noroeste é praticamente cega, possuindo apenas uma pequena janela na copa, e janelas altas em fita, no pavimento superior - onde estão a saleta, a antecâmara e os banheiros. Na fachada sudeste estão localizados os quartos e suas janelas.

A fachada frontal está orientada a sudoeste. Nela se encontram as esquadrias das salas de jantar e estar, nos pavimentos inferiores. No pavimento superior, se encontram as duas janelas da suíte. A fachada posterior está voltada para o nordeste, onde estão localizados: a cozinha, a lavanderia, o quarto de hóspedes, e o escritório.

Quanto à questão estrutural do projeto, observa-se que apenas os pilares aparentes, foram indicados em planta. No entanto, foi possível verificar os eixos estruturais da residência. Foram traçados quatro eixos longitudinais e cinco eixos transversais.

Através dos cortes foi possível perceber o reforço estrutural dado tanto à laje intermediária, quanto às vigas. Quatro grandes vigas, posicionadas no sentido transversal da edificação, possibilitam o balanço existente na parte frontal, onde o pavimento se encontra suspenso.

No pavimento superior são utilizadas, mais uma vez, as vigas invertidas. Porém, no caso desta residência, a laje é plana. Acima dela, as três águas da cobertura são escondidas pela platibanda existente.

Diferente do que acontece nos outros projetos, essa residência não possui muitos planos transparentes. O programa é compartimentado, privilegiando a privacidade e independência dos setores. A maior parte das esquadrias estão voltada para o jardim frontal e para a área da garagem.

Quanto aos materiais utilizados, a residência conta com grande diversidade de revestimentos, como pedras naturais, azulejos e cerâmicas.

A composição neoplástica da composição da fachada da residência é gerada pelas linhas retas, e pelo jogo de planos que ora sacam, com é o caso da marquise que se destaca na fachada por conta de sua platibanda alta; ora recuam, como a parede frontal da sala de jantar.

O volume de dois pavimentos também saca na fachada frontal, possuindo um grande vazio em sua base. Uma estrutura em alvenaria, semelhante a uma pérgola, surge do volume suspenso, se estendendo até o limite da propriedade, onde descem dois pilares, encontrando o muro.

Quanto ao seu estado atual de conservação, a residência Amaro Fiuza Chaves encontra-se em um bom estado de conservação. O bem está preservado e tem tido manutenções regulares. Quanto à proteção legal, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.

No momento, a casa se encontra em um bom estado de conservação e não necessita de reparos, além disso, ela ainda mantém o uso residencial. Esta situação é temporariamente favorável à preservação do bem, no entanto, a ausência de proteção legal torna a edificação vulnerável a descaracterizações permanentes e até mesmo à demolição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As residências apresentadas neste artigo foram selecionadas para divulgar a obra residencial de Geraldino Duda, e por isso foram estrategicamente escolhidas três obras que estão em um bom, ou razoável estado de conservação. Porém, o que tem acontecido com grande parte do acervo residencial é a descaracterização ou demolição.

É necessário ressaltar que para o contexto histórico da arquitetura moderna nacional, investigar profissionais locais como Geraldino nos permite compreender quão profundas foram as raízes do movimento moderno no Brasil, que inicialmente, semeados nos grandes centros, encontraram terreno fértil em cidades do interior do Nordeste.

A divulgação desse tipo de pesquisas que investigam o acervo moderno das cidades vem sendo desenvolvidas pelas universidades brasileiras e promovem a

compreensão da história da arquitetura moderna e sua dispersão pelo território nacional, primeiramente chegando às metrópoles e depois aos interiores.

Além disso, esse tipo de estudo nos aponta personagens e obras antes desconhecidas como é o caso de Geraldino Duda e de sua vasta produção residencial.

A ausência de políticas públicas preservacionistas, e também, a não apropriação por parte da população do acervo moderno tem contribuído para o rápido desaparecimento dessas obras na cidade de Campina Grande.

Acredita-se que os resultados obtidos nesta pesquisa e naquelas que ainda serão realizadas, possam contribuir, inicialmente, com o trabalho de preservação cultural que vem sendo desenvolvido em nível municipal, estadual e federal, ao inventariar e analisar a produção arquitetônica moderna, podendo, assim, inseri-la no trabalho de resgate e difusão deste período da história brasileira e, posteriormente, na adoção e melhoria das soluções técnico-construtivas empregadas na modernidade e que devem ser resgatadas e reutilizadas pelos futuros profissionais da área que, infelizmente, desconhecem a potencialidade dos recursos empregados nesta produção.

Campina Grande segue a tendência nacional em ter seu patrimônio arquitetônico e urbanístico descaracterizado, e a necessidade da academia em contribuir para evitar tal fenômeno é fundamental. Este artigo surge como uma contribuição importante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG para o desenvolvimento sustentável de nossa cidade.

Resgatar essas obras, e compreender que o edifício também é documento, é fundamental no trabalho de preservação do patrimônio moderno, observando-se nestes as soluções e os critérios projetuais, as soluções tectônicas/ construtivas, com materialidades locais e originais, que conferem uma diversidade plástica/formal a essa produção encontrada no agreste paraibano do nordeste brasileiro.

Há muito ainda que ser estudado da produção de Geraldino Duda, e espera-se que esse artigo possa ser utilizado como aporte para pesquisas futuras que possam ser desenvolvidas sobre o mestre paraibano e sua rica produção arquitetônica que tanto colaborou para construção de uma cidade moderna.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Alcilia. **Arquiteturas do sol: resgate da modernidade no nordeste brasileiro** / - Teresina: EDUFPI, 2020.
- AFONSO, Alcilia. **Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial**. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, n. 3, p. 54-70, 12 dez. 2019.
- AFONSO, Alcilia. **La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50 en Recife**. Tesis doctoral Departamento de proyectos arquitectónicos. ETSAB/UPC. Barcelona. 2006.
- AFONSO e MENESES. **A Influência da escola do Recife na arquitetura de Campina Grande 1950-1970**. Belo Horizonte: 4º Seminário Ibero americano Arquitetura e Documentação. 2015.
- AFONSO, A. e MENESES, C. **A contribuição de Geraldino Duda para a construção de uma paisagem moderna em Campina Grande, Paraíba, nos anos 60**. 4º Colóquio Ibero – americano Paisagem cultural, patrimônio e projeto. 2016.
- ALMEIDA, Adriana. **Modernização e Modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970)**. (Dissertação) – Universidade de São Paulo Campus São Carlos, 2010.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1981.
- CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno. Guia de Arquitetura. 1928-1960**. Rio de Janeiro. Aeroplano. 2001.
- COMAS, C. **Notas sobre a persistência do Moderno: monumentalidade e grandiloquência**. In: AMORIM, L, TINEM, N. Morte e vida Severinas: das Ressurreições e conservações (im) possíveis do patrimônio moderno no Norte Nordeste do Brasil. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/ UFPB, 2012, p.22-32.
- DENISON, Edward (Ed.). **Arquitetura: 50 conceitos e estilos fundamentais explicados de forma clara e rápida**. São Paulo: Publifolha, 2014.
- DINIZ, Diego. e AFONSO, Alcilia. **História, arquitetura e documentação: Teatro Municipal Severino Cabral, Campina Grande-PB. (1962-1988)**. Campina Grande: Revista Mnemosine. Volume 11, N. 2, jul/dez 2020.
- DUDA, Glauro. **Entrevista concedida à Camilla Meneses em Campina Grande**. 2016.
- GUEDES, Kaline Abrantes; Tinem, Nelci. **DOCUMENTANDO O PATRIMONIO MODERNO: Informação e Visibilidade**. 3º Seminário Ibero-americano, Arquitetura e Documentação. Novembro 2013.
- LARA, Fernando Luiz Camargos. **Modernismo popular: Elogio ou imitação?** Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Volume 12, n 13, dezembro 2005, Páginas: 171-184.
- MONTANER, J. **As formas do século XX**. Barcelona, Gustavo Gili, 2002.
- QUEIROZ, Marcus Vinicius D. de; ROCHA, Fabiano de M D. Caminhos da Arquitetura Moderna em Campina Grande: emergência, difusão e produção dos anos 1950. In: Diniz, Fernando (org.). **Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade**. Recife: FASA, 2007, p. 259 -278.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas do Brasil: 1900-1990**. São Paulo: EDUSP .1997.
- TINEM, Nelci e COTRIM, Márcio (org). **Na urdidura da modernidade. Arquitetura Moderna na Paraíba I**. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014.
- TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. Fênix-Revista de História e Estudos Culturais, ano VII, 2010, 7.2.